
JOSÉ CARLOS VENÂNCIO

Departamento de Ciências Sociais
da Universidade da Beira Interior

Uanhenga Xitu: O Homem, O Político e o Escritor. Uma Referência Obrigatória para a Construção da Nação em Angola

217

Traça-se o percurso de um dos mais significativos escritores angolanos da actualidade, marcado pelo compromisso entre a cultura tradicional dos Mbundu e a modernidade. A transição do mundo tradicional da sanzala para o palco da liderança política em Angola representa uma transição transcultural que geral-

mente leva gerações a ser consumada, e que, não sendo inédita em Angola, traduz um princípio de mediação que pode ser entendido como um dos elementos da angolanidade, i.e., como um dos princípios orientadores da construção da nação angolana.

VÁRIOS têm sido os políticos africanos contemplados com estudos biográficos. No que diz respeito aos políticos afro-lusófonos, apenas dois (que eu saiba!) tiveram esse privilégio. São eles Amílcar Cabral e Jonas Savimbi. Patrick Chabal, um professor do King's College, em Londres, defendeu há uns anos uma tese em Cambridge dedicada ao homem, ao ideólogo e ao político que foi Amílcar Cabral. Tratou-se de um estudo científico, destinado à obtenção do grau de doutor em História. É provavelmente a biografia mais completa de Cabral. Mais recentemente, Fred Bridgland, um jornalista britânico, publicou uma empolgante e politicamente comprometida biografia de Jonas Malheiro Savimbi, como sabemos uma das figuras mais controversas e inesperadas não só da cena política angolana, como da africana.

A história de vida destes dois políticos africanos de língua portuguesa tem de comum o facto de a caminhada para a modernidade ter estado a cargo de gerações anteriores; da do avô, Sakaita Savimbi, e da do pai, Loth Savimbi, no caso de Jonas Malheiro Savimbi, e dos

antepassados que se perdem no tempo, no caso de Cabral. Pois sabe-se hoje que este, não obstante ter desenvolvido um projecto independentista comum a Cabo Verde e à Guiné Bissau, nunca deixou de ser, no seu íntimo ⁽¹⁾, cabo-verdiano. Permaneceu fiel à maneira "cabo-verdianamente" crioula de viver a modernidade, experiência colectiva que remonta praticamente aos recuados tempos do início da colonização e do povoamento do arquipélago. É igualmente do conhecimento de todos aqueles que se têm dedicado ao estudo do colonialismo português, em geral, e da aventura cabo-verdiana, em particular, que o cabo-verdiano, rico ou pobre, analfabeto ou intelectual, entre os seus fala em crioulo. A escolha do português como veículo de comunicação, assim como o domínio que ele tem da língua portuguesa, é diferente da situação angolana. Enquanto muitos dos angolanos da sociedade crioula ⁽²⁾ têm o português como língua materna, o cabo-verdiano não. Quando muito é bilingue.

Uanhenga Xitu, o nome kimbundu de Agostinho André Mendes de Carvalho, político e escritor angolano, é membro da sociedade crioula, é um dos seus mais conhecidos políticos e escritores, escrevendo tanto em português como em kimbundu. A sua história de vida revela-nos assim um percurso curioso, não vulgar no contexto dessa sociedade. Evidentemente que tenho em conta nesta apreciação o facto de Mendes de Carvalho ter chegado onde chegou, como político e como escritor. E o curioso deriva precisamente dessa particularidade.

2. Mendes de Carvalho, i.e. Uanhenga Xitu, nasceu em 1924 na sanzala de Calomboloca, localidade do concelho de Catete, a cerca de 100 km de Luanda para sudeste.

(1) Por "denúncia" dos seus poemas da adolescência e da juventude: "A chuva amiga, Mamã, a chuva, / que há tanto tempo não batia assim... / Ouvi dizer que a Cidade-Velha / — a ilha toda — / Em poucos dias já virou jardim...", diz-nos no poema "Regresso", publicado pela primeira vez em 1949 no boletim *Cabo Verde* da cidade da Praia. Cf. Osório, s.d.

(2) Entendo aqui por sociedade crioula as formas societárias mistas que se desenvolveram com a presença secular dos portugueses e doutros agentes exteriores às sociedades tradicionais em Angola. Ela engloba a região inicialmente colonizada, circunscrita em grande parte ao território Mbundu, as cidades e seus espaços limítrofes e ainda, porventura, as regiões onde num passado próximo, colonial ou pós-colonial, foram instaladas grandes unidades industriais. Evidentemente que o território conquistado aos Mbundu apresenta um grau de miscigenação mais acabado. Diria até, sobretudo no que respeita ao interior próximo de Luanda, que a designação tribal ou tradicional poderá dar lugar em muitos casos, à designação rural. A oposição que se regista entre o interior próximo de Luanda e a cidade propriamente dita poderá então ser também designada de mundo rural *versus* mundo urbano.

Após uma iniciação social feita em moldes tradicionais, episodicamente descrita no seu último livro *O Ministro* (Luanda: União de Escritores Angolanos 1990), ingressou na escola da missão metodista da sua terra, onde fez parte da formação formal. Depois disso transfere-se para Luanda. Vive no internato da mesma igreja, onde também se encontrava hospedado aquele que mais tarde se tornaria no primeiro presidente da Angola independente, Agostinho Neto. Travam uma profunda amizade. Nesta mesma cidade tira o curso de enfermagem, profissão que veio a exercer durante vários anos. Após a independência assumiu cargos importantes, tais como o de Comissário Provincial de Luanda e o de Ministro da Saúde. É membro do MPLA desde a primeira hora, razão pela qual esteve preso na prisão política do Tarrafal, na ilha de Santiago, em Cabo Verde, de 1959 a 1970. Já foi membro efectivo do Comité Central do seu movimento/partido, desceu a dada altura para suplente e desde Janeiro último, data da última reunião desse órgão, voltou a ser promovido a efectivo. Exerce desde há uns anos o cargo de Embaixador extraordinário e plenipotenciário do seu país em Berlim-Leste e em Varsóvia. Já aqui, em Berlim-Leste, voltou a pegar nos livros e cursou Ciências Políticas e Sociais.

O curioso na sua ascensão social e política, como observei anteriormente, é que ela é acompanhada de um percurso transcultural que normalmente leva gerações a ser consumado. Confirmámo-lo no que diz respeito às histórias de vida de Amílcar Cabral e de Jonas Savimbi. A biografia de uma grande parte dos políticos angolanos que ocupam lugares cimeiros confirma-o igualmente. São pessoas que cresceram dentro da sociedade crioula. Foi aí que se socializaram. Na verdade, há pelo menos um século que esta sociedade permeabiliza em Angola a passagem do mundo tradicional ao moderno. Desde a implementação dos ensinos primário e secundário, despoletada em meados do século passado pelos liberais, que a elite cultural da sociedade crioula tende a reproduzir-se no seu próprio seio. Evidentemente que não dispomos de um estudo estatístico que nos permita afirmar categoricamente este juízo. Mas se analisarmos, por exemplo, os textos polémicos e literários dos intelectuais crioulos do último quartel do século passado, assim como os textos de um António de Assis Júnior, autor nativista da primeira metade deste século, vemos quão ciosos eles eram do seu estatuto privilegiado

no seio da sociedade crioula, não obstante acentuarem a diferença quanto ao poder colonial e seus mandatários.

A história de vida de Uanhenga Xitu constitui assim um caso pouco vulgar. Embora seja membro da sociedade crioula, integrou-a mais pela via da aculturação do que propriamente pela socialização⁽³⁾. Várias causas poderão ser apontadas para o seu sucesso. A primeira será, porventura, a sua filiação no MPLA, já referida. Uma outra causa terá a ver com o facto de ele pertencer ao chamado "grupo do Catete". Pelo menos é o que pensa uma certa opinião pública em Angola. Este grupo seria constituído por homens de grande influência na cena política angolana, tais como Agostinho Neto, Paiva Domingos da Silva, o comandante das operações de 4 de Fevereiro, as quais marcam o início da luta armada por parte do MPLA, e outros mais. O próprio José Eduardo dos Santos não escaparia a este rótulo. Atribui-se então ao grupo um papel de liderança no seio do MPLA. Mendes de Carvalho, contudo, no seu mais recente livro (como vimos, de nota autobiográfica acentuada) não só contesta a existência de tal grupo, como também desmente a ideia de que Eduardo dos Santos seria de Catete. Não refere, porém, um dado que me parece importante. Quer Agostinho Neto, quer Eduardo dos Santos (mesmo que apenas por via paterna), partilham com ele, Mendes de Carvalho, uma faceta comum: a estreita relação que mantiveram com os metodistas.

A primeira missão dos metodistas, chefiada pelo bispo William Taylor, chega a Angola em 1885. Ao contrário das missões protestantes que procuravam instalar-se no Sul de Angola, junto dos Umbundu, Taylor gozou desde o princípio da simpatia do governador geral, Francisco Joaquim Ferreira do Amaral (Cf., por exemplo, Oliveira, 1968: 643-757 e 1971: 761-65). Pelos relatórios do governador detectamos que uma das razões de tal simpatia seria o facto de os homens de Taylor se orientarem por uma filosofia de auto-subsistência. O governador via aí um foco e um meio de desenvolvimento (auto-centrado, como agora se costuma dizer) da colónia de Angola. Mas não terá sido apenas este o motivo de tal agrado. É que, ao contrário do que se propunham fazer as missões protestantes que procuravam

(3) Uma via não exclui a outra. Nem tão-pouco sociedade crioula é forçosamente um conceito territorial. É mais um conceito de ordem cultural, no sentido colectivo e individual deste termo. A relação estreita que mantém com o território dos Mbundu é, nesta ordem de ideias, uma mera casualidade histórica.

instalar-se a Sul, Taylor ter-se-á comprometido (ou, pelo menos, esperando o governador nesse sentido) a ensinar a língua portuguesa nas suas escolas. Além do mais, foi ao governador, então o representante máximo do poder colonial, que Taylor se dirigiu pedindo autorização para que a sua igreja se fixasse em Angola. Tal facto acarretou a aceitação inequívoca da suserania portuguesa na zona, atitude que não foi abertamente tomada pelas missões protestantes do Sul.

Todo este historial para realçar o facto de que, com boas ou más intenções (do ponto de vista do governo colonial, evidentemente), os metodistas souberam entrar em Angola, integrar-se em Angola, integrar-se na sua sociedade crioula, entendida esta como o correlato do colonialismo português nessa colónia. Com Taylor desembarcou em Luanda um dos homens que marcará para sempre o destino da cultura crioula, o linguista suíço Héli Chatelain. Ele irá exercer uma influência decisiva em alguns dos mais importantes intelectuais crioulos do último quartel do século passado, entre os quais há a destacar o poeta, pedagogo e gramático Cordeiro da Matta. Essa influência foi, contudo, mais longe. O messianismo, figura central do que se designa por angoleidade, que atravessa as peças mais felizes da literatura angolana e que até já se incrustou no discurso político, é também uma herança do evangelismo inserto no discurso poético de Agostinho Neto. Mário António conclui mesmo, num dos seus últimos trabalhos (1987: 2-3), que tal evangelismo não era outro senão o apregoado pelos metodistas. A ligação de Neto ao pai, um pastor metodista, seria bem mais forte do que aquilo que até aí se pensava. A personalidade básica de Neto teria sido assim fortemente influenciada pelo evangelismo.

Pastor metodista era também o pai de Eduardo dos Santos e educação metodista teve, como já vimos, Uanhenga Xitu. Daí poder então concluir-se que a passagem de Xitu pelos metodistas constituirá provavelmente mais uma das razões para o seu sucesso. Mas este não deve ser visto apenas como resultado de favores concretos, como o resultado de uma cumplicidade que recua aos bancos da escola. Tais favores não poderiam, na verdade, guindar o nosso homem para a frente, caso ele não soubesse fazer valer as suas capacidades individuais. E o que nele tem sido, na verdade, determinante é a sua vontade irresistível de vencer, tão irresistível como a que

aparece no discurso poético (... e porque não no político?) de Neto.

Na verdade, Xitu tem sabido jogar inteligentemente com os aspectos positivos (positivos no sentido de reverterem a seu favor) dos dois mundos culturais a que pertence. Transportou para o seu discurso político no mundo moderno, mesmo o da cena diplomática, a retórica dos mais-velhos, dos anciãos das sociedades tradicionais. Com o apoio de tal retórica e com o culto da imagem do *mais-velho*, que ele tão bem sabe representar, tem granjeado um *status* a nível da política interna que lhe tem permitido a tomada de algumas posições que, contrariando muitas vezes os ditames dos órgãos superiores do seu partido/movimento, não se têm traduzido de forma forçosamente negativa para a sua carreira. Tais atitudes, em perfeita homologia com o facto de partirem de alguém que conhece os dois mundos que aí se confrontam, têm-se pautado pelo consenso. Consenso e perspicácia têm orientado também a sua acção diplomática, onde se tem revelado de grande astúcia. Faz valer para tal a mesma retórica. Tive a oportunidade de ver esta confrontada com a argumentação de interlocutores alemães, habituados, como sabemos, a um pragmatismo comunicativo bastante acentuado. Mas mesmo assim Xitu não "desconseguiu" de fazer valer as suas pretensões. Bem pelo contrário!

3. Enquanto preso no Tarrafal, Mendes de Carvalho terá escrito a novela "'Mestre' Tamoda", publicada em 1974, no Lobito (Angola), pelos Cadernos Capricórnio. Revela-se por via dela como um bom escritor da então nascente literatura angolana. Trazia para a cena literária um dos percursos possíveis para a modernidade em Angola, nomeadamente aquele que segue fundamentalmente a via da aculturação, afinal, o seu próprio percurso. Seguem-se outros textos: "Bola com Feitiço", integrado mais tarde juntamente com o "'Mestre' Tamoda" no volume *'Mestre' Tamoda e Outros Contos* (Lisboa, 1977), *Manana* (Lisboa, 1978), *Maka na Sanzala* (Lisboa, 1979), *Os Sobreviventes da Máquina Colonial Depõem...* (Lisboa 1980), *Os Discursos do 'Mestre' Tamoda* (1980) e muito recentemente acaba de ser publicado o título tão esperado e já aqui mencionado, *O Ministro*.

Não é por mero acaso que apresento a sua faceta de escritor no fim desta breve nota biográfica. É que nela se

reflecte o homem e o político abordados nos pontos anteriores. O escritor confirma o homem e o político. Articula-os de tal forma que a análise da sua obra literária acaba por servir os nossos propósitos de veracidade, confirma-nos aquilo que eu apenas registei no contacto que mantemos de há uns anos a esta parte, onde se deve também incluir a entrevista que há quatro anos aproximadamente me concedeu (Venâncio, 1986). E serve os nossos propósitos científicos porque, como é quase do comum conhecimento, a verdade de um escritor, e do homem que atrás dele se encobre, nem sempre está no que diz. Na maioria das vezes está precisamente na maneira como diz aquilo que parece ou finge dizer. O poeta, Fernando Pessoa... claro!, exprimiu melhor que ninguém esta ambiguidade do poeta e ... por que não, do escritor?

As personagens que povoam os seus textos são, quase todas, homens e mulheres divididos entre duas culturas. Personificam, como o próprio autor, a transição de uma para outra cultura durante o seu tempo de vida. Consoante a ascensão social e política do autor, assim elas vão sendo traçadas. É notória nelas a colagem de elementos autobiográficos. Tamoda, o ex-criado de um "Doutor" luandense que se arvora em mestre da sua terra natal, bem que podia ser uma figura da sua infância. Kahitu, personagem do conto "Kaxena" (in *'Mestre' Tamoda e...*), um aleijado letrado que se aproveita dos seus parcos conhecimentos do português escrito para na sua sanzala granjear respeito e amor, será outra figura que decerto marcou a infância do autor. Outras personagens, como Filito (in *Manana*) pertencerão a um tempo posterior. O autor já viveria em Luanda. Antero de Abreu, poeta angolano, chegou mesmo a aventar a hipótese de o anti-herói Filito ser o próprio autor (Venâncio, 1986). Finalmente, personagens como Tony e Kuteku reflectem a sua experiência de político que atingiu um dos cargos mais elevados da cena política moderna, o de ministro. São personagens do seu último livro. Ambos se vêem, de repente, empossados no cargo de ministro, experiência pela qual terá passado o próprio autor. Vêem-se confrontados com valores do mundo suburbano, no caso de Tony, e do mundo rural, tradicional, no caso de Kuteku. Evidentemente que a afinidade do autor com esta última personagem é maior do que com a primeira. Como ele, Kuteku é também um homem recentemente imigrado na cidade grande que é Luanda. Como

ele, vê-se a par e passo confrontado com os valores tradicionais que vigoram na sua sanzala, personificados pela expectativa que os parentes e conterrâneos nele depositam. Mas se esta afinidade é mais directamente detectável, não deixa de ser significativa também a relação que ele mantém com a personagem Tony. Na verdade, Xitu é também um homem da sociedade crioula. Se ele não emergiu directamente de um mundo suburbano como Tony, passou por ele, mesmo que em pensamento. Manana e Filito provam-no. Passando por ele terá estabelecido relações de solidariedade idênticas às que afligiam Tony no exercício do poder. Diria então, para finalizar este raciocínio, que os entraves vividos por ambas as personagens reflectem igualmente os compromissos sociais herdados por Xitu dos dois momentos que antecedem a sua entrada definitiva no mundo circunscrito do poder. E, na verdade, quer Tony, quer Kuteku, são afinal quase que apresentados como vítimas da sociedade.

Não pensemos, porém, que Xitu não se liberta do universo cultural e político das suas personagens. Acontece precisamente o contrário. E é no distanciamento que mantém em relação a elas (mesmo em relação às do último livro) que se aloja o risível, a sátira social, tão característica dos seus textos. Também não pensemos que o autor encara negativamente o assumir da modernidade apenas no tempo de uma vida ou que é depreciativo em relação àqueles que exercem altos cargos políticos. Não é bem disso que se trata. Assim sendo, o autor negava-se a si mesmo. E não o faz. O que ele critica é a maneira desmesurada com que alguns assumem a modernidade, as expectativas que muitos depositam nos parentes ou conterrâneos que são chamados a exercer altos cargos políticos, desviando-os muitas vezes do cumprimento da sua missão, e ainda a dificuldade sentida por estes últimos, a exercerem tais cargos, em se desembaraçarem das situações delicadas criadas por aqueles.

Há uma ironia fina, calada e gozadora, a percorrer os seus textos. A atitude que tem perante a política, tem-na igualmente quando escreve. O sujeito de enunciação das suas narrativas nutre pelas personagens que cria o mesmo despreendimento que o Mendes de Carvalho *político* ou *diplomata* manifesta em relação aos seus interlocutores. É a filosofia do mais-velho do mundo tribal que está por detrás de ambas as vertentes da sua personalidade. Isto

quer dizer que, antes do político ou escritor, está o homem, está alguém que sabe, afinal, qual é o seu lugar na encruzilhada de dois mundos diferentes.

Resta-nos, a título conclusivo, interrogarmo-nos sobre a fonte de inspiração de uma tal personalidade. Indagarmos do fundamento da sua maneira de estar em Angola e no mundo. Qual o reverso da medalha da sua maneira muito peculiar de se comportar como um mais-velho num mundo que, em princípio, desconhece esta figura? Pois alguma referência identitária deve estar por detrás do distanciamento que manifesta não só em relação às suas personagens, como também aos seus pares e interlocutores na política. A resposta encontramos-na na existência em Angola de uma sociedade crioula que permeabiliza a transição do mundo tradicional para o moderno. Xitu pertence a esta sociedade, como vimos. E não só! Ele é um dos seus inspiradores. É-o mais por via da escrita do que da acção política. Ele partilha afinal da utopia social que Pepetela, outro importante escritor angolano, tão bem tem sabido desenvolver literariamente. Tive a oportunidade de defender a complementaridade dos discursos literários de ambos numa breve palestra que em Janeiro último proferi em Luanda na sede da União dos Escritores Angolanos (*). Acentuei então que Xitu descreve a transição do mundo tradicional ou rural (vimos na nota 2 como esta expressão substitui com pertinência a anterior no que diz respeito ao interior próximo de Luanda) para o moderno e urbano; a obra de Pepetela reflecte, por seu lado, a generalização do mundo urbano ou modernizado, como ele aparece em Xitu, para todo o espaço político angolano. Quer um, quer outro, reflectem uma maneira singular de viver a modernidade em Angola. Esta maneira coincide com a via apontada pelo MPLA para criar a nação e consolidar o desenvolvimento da sociedade civil, em vigor — pelo menos na letra — desde o seu 1.º congresso em 1977 (Heimer, 1980: 46 e 96-97). Quer no que literariamente é defendido, quer no que foi politicamente projectado, a sociedade crioula projecta-se, desta forma, por via do discurso literário e do político para o futuro. E é a crença neste futuro que determina em Xitu a sua maneira de viver a literatura e a política. E eu não creio que mude! Mesmo que a UNITA e outros grupos passem a desempenhar um

(*) "Uanhenga Xitu e Pepetela: dois discursos complementares da angolidade". Este texto foi mais tarde publicado no *Jornal de Angola*.

papel determinante na cena política angolana, passem a impor também a sua maneira de viver a modernidade (caso seja diferente!), Agostinho André Mendes de Carvalho não deixará com certeza de ser Uanhenga Xitu. ■

Referências Bibliográficas

- | | | |
|------------------------------|------|---|
| Heimer,
Franz-Wilhelm | 1980 | <i>O Processo de Descolonização em Angola, 1974-1976</i> , Lisboa. |
| Mário António | 1987 | "Agostinho Neto: Nascimento de um Poeta" (extractos de: "Vector Evangélico na Cultura e na Literatura Angolanas"), <i>Angolê</i> , II, 6. |
| Oliveira,
Mário de (org.) | 1968 | <i>Angolana (Documentação sobre Angola)</i> , I, 1783-1883, Lisboa/Luanda. |
| Oliveira,
Mário de (org.) | 1971 | <i>Angolana (Documentação sobre Angola)</i> , II, 1882-1887, Lisboa/Luanda. |
| Osório, Oswaldo | s.d. | Emergência da Poesia em Amílcar Cabral, Praia. |
| Venâncio, J. C. | 1986 | "A Nossa História Ainda Não Está Escrita" (Conversando com Mendes de Carvalho), <i>África</i> , I, 19 (24.12.1986). |